

À LUPA

Como as crianças falam e percebem a linguagem

Como é que os bebés aprendem a falar e a compreender a língua? O que é que as crianças sabem sobre a linguagem, nas diferentes fases do seu desenvolvimento? O *Lisbon Baby Lab* propõe-se contribuir para uma resposta a questões como estas, através de estudos pioneiros realizados em Portugal.



CHILDREN'S PRACTICE[®]

N.º 16 ::: SETEMBRO/OUTUBRO 2011 (BIMESTRAL) ::: 2,80 €

NEWS

25 anos da Neonatologia portuguesa

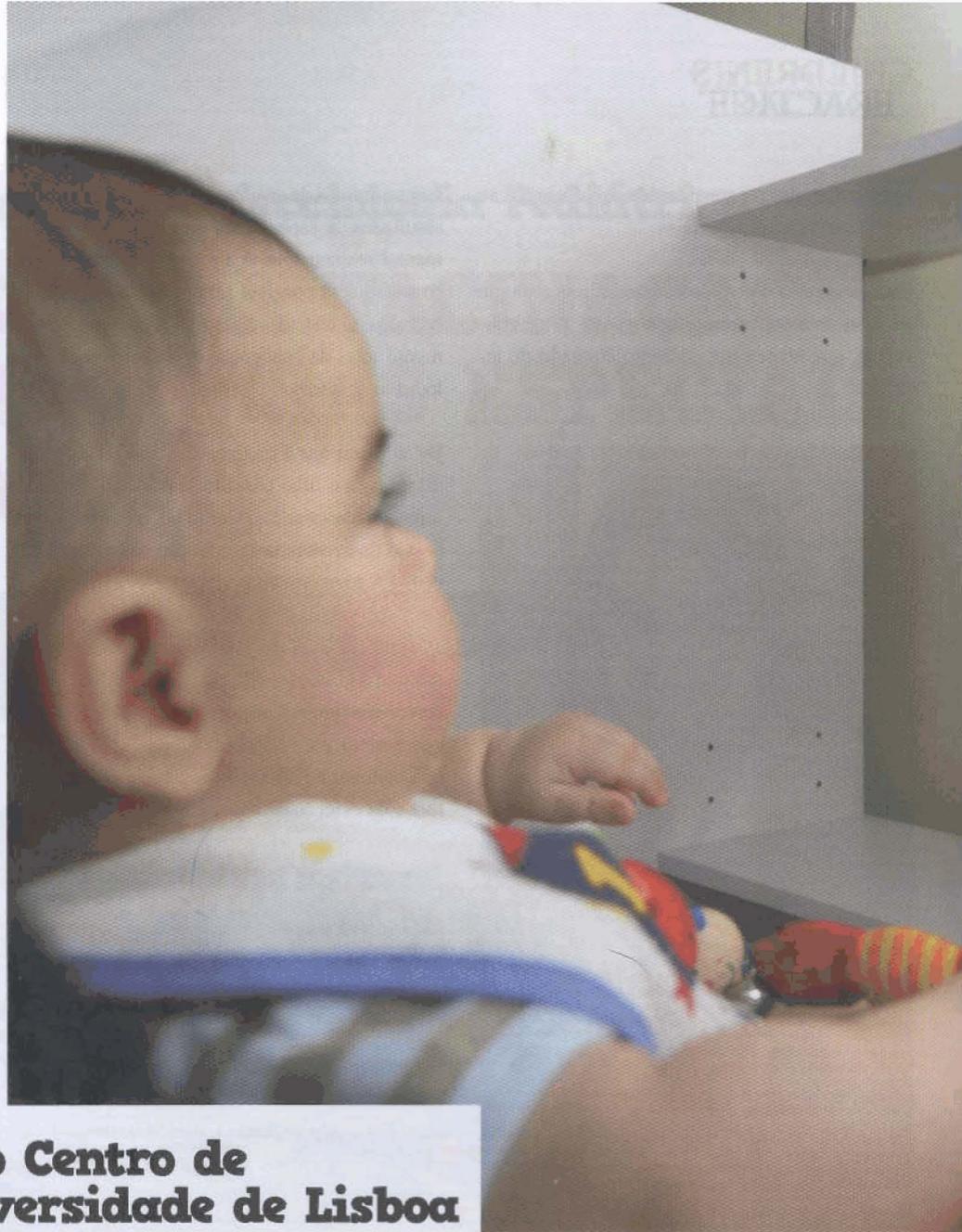
Taxas de morbilidade e de mortalidade neonatais mais reduzidas

1.º PLANO

Dr.ª Lisa Vicente e Dr. Francisco George
Direcção-Geral da Saúde

Além de terem filhos tardiamente, são cada vez mais as mulheres com patologia (doenças cardíacas ou diabetes, por exemplo) que optam por engravidar. Este é um dos aspectos abordados pelo Dr. Francisco George e pela Dr.ª Lisa Vicente. O acesso aos pediatras, a mortalidade infantil por acidentes e a obesidade são outros temas incluídos nesta entrevista conjunta.





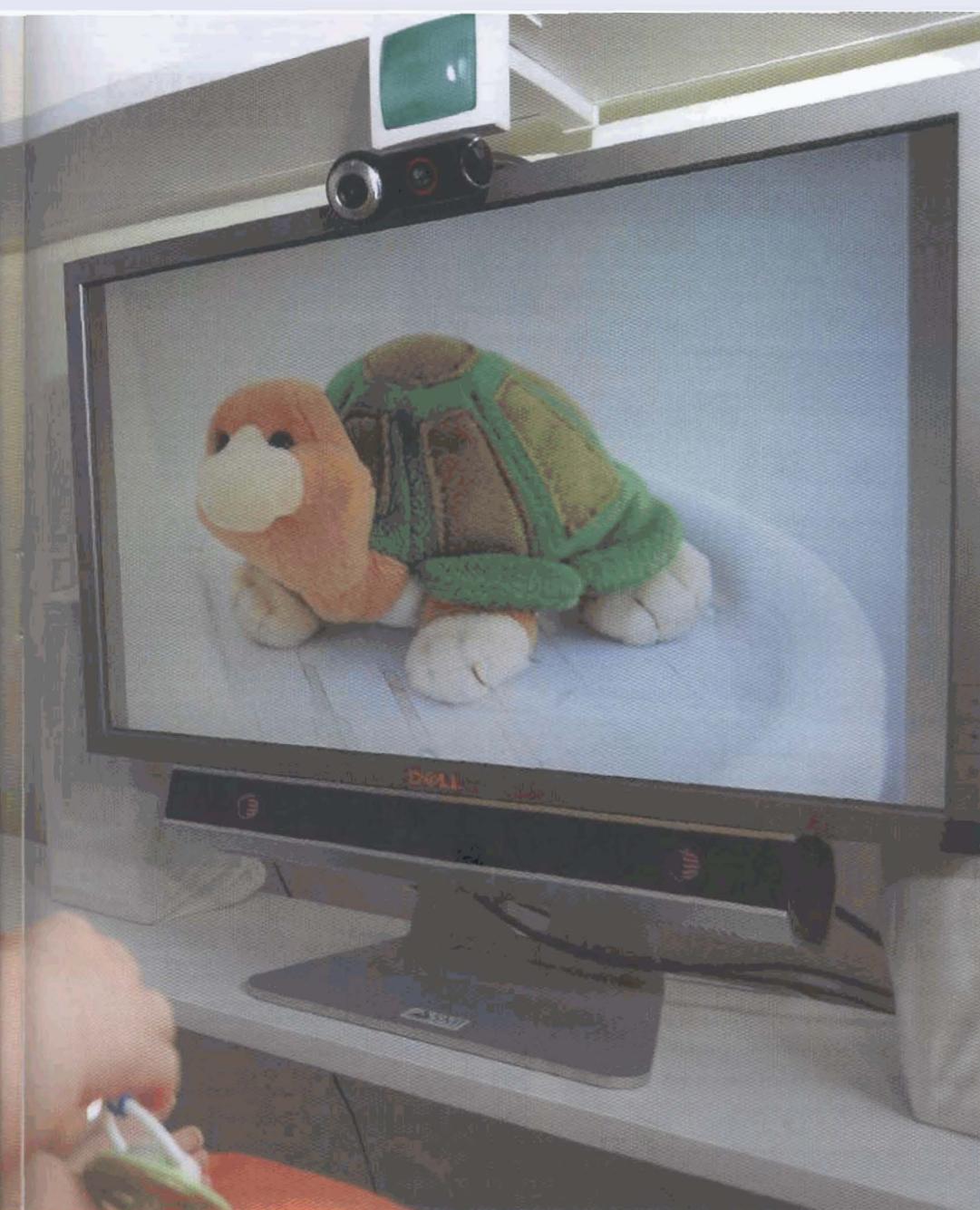
Lisbon Baby Lab do Centro de Linguística da Universidade de Lisboa

ENTENDER MELHOR COMO AS CRIANÇAS FALAM E PERCEPCIONAM A LINGUAGEM

Como é que os bebés aprendem a falar e a compreender a língua? O que é que as crianças sabem sobre a linguagem, nas diferentes fases do seu desenvolvimento? O *Lisbon Baby Lab* propõe-se contribuir para uma resposta a questões como estas, através de estudos pioneiros realizados em Portugal. O projecto, criado em 2010, depende da participação da comunidade e pretende disponibilizar informações sobre o desenvolvimento linguístico que, posteriormente, poderão ser aplicadas na prática clínica para auxiliar o despiste de perturbações.

O *Lisbon Baby Lab* surgiu no seguimento dos estudos de aquisição levados a cabo pelo Laboratório de Fonética e do projecto Desenvolvimento da Estrutura Prosódica e Entoação (DEPE) – todos eles ligados ao Centro de Linguística da Universidade de Lisboa (CLUL).

Como já existia alguma investigação na área da aquisição da linguagem, envolvendo parcerias com laboratórios internacionais, uma equipa de especialistas resolveu submeter a ideia à apreciação da Fundação para a Ciência e Tecnologia, em 2009. Resultado: o *Lisbon Baby Lab* conseguiu



ções no lugar onde se encontra a sílaba tónica, os próprios sons que constituem as palavras) e de seleccionar aquelas que são as importantes para distinguir palavras na língua que estão a adquirir. Como é que as palavras são descobertas a partir do sinal da fala? Esta é uma das grandes questões que se coloca no âmbito da aquisição da linguagem», sublinha Sónia Frota.

«O OBJECTIVO PASSOU POR PERCEBER ATÉ QUE PONTO É QUE, FACE AO QUE OUVEM, OS BEBÉS TÊM A CAPACIDADE DE RECONHECER AS VARIACÕES NA FALA.»

Para tal, tem sido utilizado um equipamento específico que regista o movimento dos olhos dos bebés: «Desta forma, conseguimos saber para onde olha a criança quando ouve determinados estímulos. Inicialmente, há uma familiarização do bebé com um certo estímulo sonoro (uma pseudo-palavra, por exemplo), que é associado a uma imagem. Depois, esse mesmo estímulo é sujeito a variações (melódicas, de posição da sílaba tónica, etc.). Se o bebé reconhecer o estímulo como sendo o mesmo, apesar das variações, ele vai olhar para a imagem que associámos a esse estímulo, e não para uma imagem nova.»

Alguns resultados preliminares

Estas tarefas demoram, por norma, entre 2 a 3 minutos. Contudo, a directora do *Baby Lab* esclarece que «as crianças permanecem na sala durante 20 ou 30 minutos, com o intuito de se ambientarem. Com isto, tentamos que a investigação decorra de forma mais natural possível, sem causar qualquer tipo de estranheza.»

Neste estudo relacionado com a das palavras, estiveram envolvidas crianças entre os 12 meses e os 4 anos. A inclusão no estudo obedeceu a alguns critérios concretos: serem fa-

financiamento e as investigações arrancaram oficialmente em Setembro de 2010.

A Prof.ª Doutora Sónia Frota, directora do *Baby Lab* e do Laboratório de Fonética, adianta que, até ao momento, «perto de 125 bebés já passaram pelo laboratório – tendo estado essencialmente envolvidos num estudo iniciado em finais do ano passado. Os contactos têm sido efectuados junto de infantários, maternidades e escolas, bem como através de listas de divulgação pela internet. Os pais das crianças podem também inscrevê-las directamente no sítio do *Baby Lab*».

À semelhança de outros centros congéneres espalhados um pouco por toda a Europa, este laboratório é um núcleo de investigação focalizado em aspectos relacionados com o desenvolvimento infantil, nos primeiros anos de vida. A cognição e a linguagem são as duas valências abrangidas. Actualmente, o projecto conta com 8 especialistas.

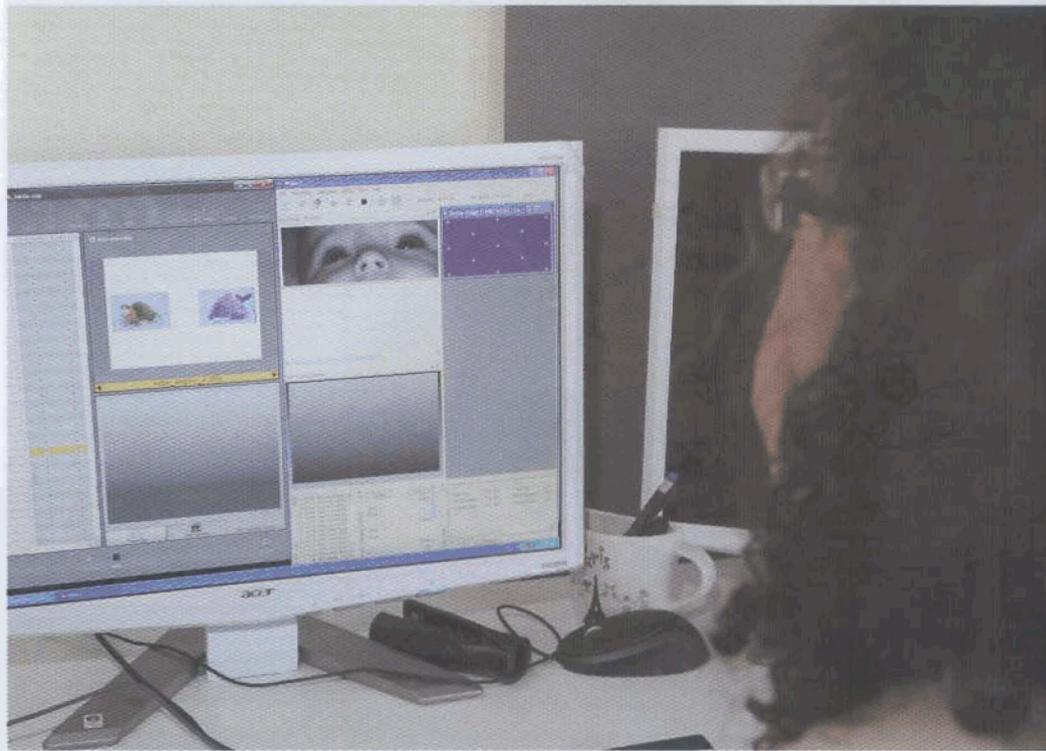


Num primeiro estudo – na área da percepção e da compreensão –, procurou-se abordar algumas questões associadas à aprendizagem de palavras. «O objectivo passou por perceber até que ponto é que, face ao que ouvem, os bebés têm a capacidade de reconhecer as variações na fala (i.e., vozes diferentes, mudanças de melodia, altera-

lantes nativos da língua portuguesa; terem tido um tempo mínimo de gestação de 38 semanas; e terem apresentado mais de 1,5 kg à nascença (com ausência de qualquer suspeita de défice cognitivo, incapacidade visual ou outras perturbações).

A especialista partilha alguns resultados preliminares: «inicialmente, nos bebés de 1 ano, encontramos maior sensibilidade à variação melódica. Ou seja, parecem reconhecer como palavras diferentes estímulos que apenas variam em relação à melodia. Nas crianças de dois anos, já não há sensibilidade à variação melódica (que, aliás, não é relevante para distinguir palavras na língua portuguesa). Aos 3 anos, é já clara a sensibilidade à posição da sílaba tónica (aspecto este caracterizador das palavras no português).

Noutros centros internacionais, concluiu-se que bebés ingleses com 1 ano já conseguiam categorizar palavras com base na acentuação. E os dados sugerem que, no caso das crianças portuguesas, tal não acontece. Segundo Sónia Frota, «é algo que só começam a fazer, sistematicamente, a partir dos 3 anos. A natureza do que determina este comportamento diferente entre bebés aprendentes de línguas diferentes é algo que pretendemos, agora, explorar. Até porque a língua inglesa tem uma gramática que proporciona pistas mais



fortes para o acento e, na língua portuguesa, a posição da sílaba tónica está dependente de outros aspectos relacionados com a morfologia (como a estrutura da palavra e a categoria da palavra). Em suma, as características particulares das línguas podem acelerar ou não a capacidade inicial de aprendizagem das palavras».

«INICIALMENTE, NOS BEBÉS DE 1 ANO, ENCONTRAMOS MAIOR SENSIBILIDADE À VARIAÇÃO MELÓDICA. OU SEJA, PARECEM RECONHECER COMO PALAVRAS DIFERENTES ESTÍMULOS QUE APENAS VARIAM EM RELAÇÃO À MELODIA.»

Salvaguardar o bem-estar das crianças

Antes de as crianças participarem nos estudos, todos os pais respondem a um inquérito. Esta é uma prática fundamental, que permite um melhor conhecimento das crianças e seus hábitos, bem como a salvaguarda de algumas situações. «Imaginemos que os pais afirmam que os filhos não gostam de ver televisão. Tendo em conta que, muitas vezes, recorreremos ao monitor para a realização dos estudos, o inquérito torna-se, deste modo, um importante instrumento de triagem. Consideramos que o bem-estar da criança deve estar sempre em primeiro lugar», realça Sónia Frota.

A partir dos 4 anos, as taxas de rejeição situam-se na faixa até aos 20%, enquanto, em idades inferiores, a percentagem de sujeitos que, por razões diversas, não realiza as tarefas pode chegar aos 40%.

Por menos complexas que sejam as tarefas – na maior parte delas, basta analisar o olhar –, a verdade é que essas actividades poderão ter um peso cognitivo considerável, consoante as idades em causa. A disponibilidade para colaborar é, por isso, outro factor a ter em conta.

De acordo com a directora do *Lisbon Baby Lab*, as experiências, por norma, «não são muito exigentes em termos de intervenção. Os bebés com menos de 12 meses são os que poderão dispersar-se mais, ou não aderir tão facilmente às tarefas. No entanto, a ajuda dos familiares e o facto de ambientarmos as crianças ao laboratório facilitam imenso todo este processo».

A directora do *Lisbon Baby Lab* não tem dúvidas de que, ao serem identificados os passos essenciais dos padrões de desenvolvimento das crianças – para os diferentes aspectos da linguagem –, se está a contribuir para a melhoria do despiste de algumas situações frequentes em Pediatria.

«Haverá uma aplicação prática dos nossos estudos, na medida em que pretendemos reconhecer mais precocemente certos sinais que, por vezes, podem passar despercebidos. Por outro lado, há a vantagem de termos um modelo português, sem estarmos limitados a tabelas de referência assentes noutras línguas – pois sabemos que diferenças entre línguas influenciam a percepção e o curso do desenvolvimento (i.e., a percepção e a aprendizagem acabam

por poder diferir de língua para língua)», evidencia a investigadora.

O reconhecimento de propriedades específicas da língua

Actualmente, o *Lisbon Baby Lab* está a colocar em marcha um segundo estudo com bebés a partir de 5 meses de idade, cujo objectivo passa por compreender melhor o desenvolvimento da linguagem. Os especialistas consideram que, a partir dos 6 meses, as crianças começam a direccionar a percepção para aspectos específicos da própria língua. Assim, os investigadores estão a tentar identificar, por exemplo, «se diferenças entre melodias declarativas e melodias interrogativas são identificadas pelas crianças e quando. Não se pretende saber quais as palavras que os bebés já sabem nesse momento, mas antes compreender o mecanismo utilizado para as reconhecerem», refere a directora.



A Doutora Susana Correia é uma das especialistas que trabalham no Baby Lab. Doutorou-se em 2009, com uma tese sobre a aquisição do acento de palavra. E agora, no seu projecto de pós-doutoramento, tem investigado o modo como os mais novos percebem e produzem as estruturas sonoras da língua a que estão expostos.

«TEMOS APOSTADO NA DIVULGAÇÃO DO NOSSO PROJECTO JUNTO DE UNIDADES HOSPITALARES, MATERNIDADES E ATÉ DE PEDIATRAS.»

«Temos apostado na divulgação do nosso projecto junto de unidades hospitalares, maternidades e até de pediatras. Estamos convencidos, no entanto, que a esmagadora maioria das crianças que nos chega vem pela mão dos próprios pais. Ou seja, os filhos frequentam os infantários onde disponibilizamos informação», diz a especialista.

Susana Correia avança que, tendo em conta as expectativas iniciais, «a afluência e a aceitação dos pais têm sido, de facto, bastante entusiasmantes. Creio que as características deste projecto – de natureza inovadora em Portugal – acabaram por determinar, em grande parte, o sucesso do *Lisbon Baby Lab*. Tratando-se de algo novo, isso poderia causar alguma desconfiança e incerteza. No entanto, tem havido uma grande receptividade, o que só contribui para tornar este projecto uma realidade». ■

